

Em comemoração ao centenário das **Conferencias Introdutórias à Psicanálise** (1916-1917) de **S. Freud**, a Febrapsi solicitou a alguns psicanalistas para escreverem uma homenagem a ser postada semanalmente. Hoje está sendo publicado o texto de Leila Tannous Guimarães referente à conferência: **A Ansiedade**.

Vivemos tempos turbulentos e perturbadores. Tempos esses convencionados como a *era da incerteza ou dos extremos*, marcada por uma grande reviravolta na qual a visão de mundo já não parece mais tão otimista e, nem tão pouco Newtoniana, como a física e a matemática desejara outrora. No lugar de uma estimativa controlada da natureza, de mirabolantes projetos políticos e econômicos verificou-se a *matemática do caos*, gerando altas tensões por um lado e expectativas hedonistas ou de felicidade plena, por outro. Por mais que haja tentativas em manter a função ordenadora a fim de dar sentido e organização ao caos, mais se faz necessário desenvolver a capacidade reflexiva do sujeito em se reconstruir, refazendo-se e equipando-se de recursos internos que o assegurem de uma consciência mais vigilante e ética. Neste sentido, a Psicanálise tem dado grandes contribuições ao voltar-se para as *paixões da alma*, levando em conta os aspectos ambíguos e ambivalentes do afeto que expõem o sujeito ao traumático. O mal-estar originado das Grandes Guerras, do terrorismo, das diferenças raciais e sociais extremadas, da economia global e do jogo obscuro pelo poder desafiam o sujeito na sua capacidade reflexiva e o tornam mais vulnerável, na medida em que favorece o prejuízo da comunicação intersubjetiva e o desempenho de um papel determinante do corpo na vivência da angústia e da depressão. E para refletir sobre este estado afetivo, Freud utiliza o termo *Angst*, que no alemão significa medo, angústia, todavia traduzido para o português como ansiedade/ *anxiety*, de acordo com a tradução inglesa da *Standard Edition*. A ansiedade pode ser a mola propulsora para a vida, representada por um desejo inquietante, uma expectativa qualquer, assim como pode representar um estado afetivo mais realístico e inteligível, um sinal de alerta diante de um perigo previsto, um mal-estar físico e psíquico repentino, um presságio qualquer pode gerar um estado de *ansiedade expectante*, mas também há aquele intenso sofrimento emocional em que a vida cotidiana passa a ser prejudicada por elevados níveis de ansiedade e Freud classificou de ansiedade neurótica, fobia, pânico. Portanto, a ansiedade é o afeto mais presente, ao mesmo tempo que perturbador dos sentidos da nossa vida. E para finalizar, não poderia deixar de mostrar que a ansiedade tem sido representada na poesia, na música, no cinema e em outras vias de expressão do afeto. Entre muitas escolhi a que Lenine canta em *O silêncio das Estrelas*, para expressar a inquietante arte de viver:

Solidão, o silêncio das estrelas, a ilusão

*Eu pensei que tinha o mundo em minhas mãos
Como um Deus e amanheço mortal*

*E assim, repetindo os mesmos erros, dói em mim
Ver que toda essa procura não tem fim
E o que é que procuro afinal*

*Um sinal, uma porta pro infinito irreal
O que não pode ser dito, afinal
Ser um homem em busca de mais, de mais
Afinal, como as estrelas que brilham
Em paz, em paz*

Leila Tannous Guimarães é Psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS).